

RESENHA – REVIEW – RESEÑA

A GESTÃO DA AMAZÔNIA: AÇÕES EMPRESARIAIS, POLÍTICAS PÚBLICAS, ESTUDOS E PROPOSTAS

MANAGEMENT OF THE AMAZON: BUSINESS ACTIONS, PUBLIC POLICY, STUDIES AND PROPOSALS

LA GESTIÓN DE AMAZONIA: ACCIONES DE NEGOCIOS, POLÍTICAS PÚBLICAS, ESTUDIOS Y PROPUESTAS

Por: Mauro Maia Laruccia: Pós-doutorando em Análise do Discurso da Inovação e Sustentabilidade, Doutor em Comunicação e Semiótica, Mestre e Bacharel em Administração pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). E-mail: mauro.laruccia@gmail.com

MARCOVITCH, Jacques. **A Gestão da Amazônia: Ações Empresariais, Políticas Públicas, Estudos e Propostas**. São Paulo: EDUSP, 2011. 312p.

O livro *A Gestão da Amazônia* está fundamentado em quatro eixos principais: reunir informações dispersas e dar-lhes unidade; desenhar um quadro socioeconômico e cultural da região; fornecer ao gestor corporativo e aos gestores das cidades amazônicas uma análise dos elementos dessa região com amplas oportunidades; e ajudar a reconhecer, nas propostas dos especialistas, aquelas que efetivamente possuam viabilidade de consenso.

Inicialmente, o autor destaca a importância do economista ambiental Lester R. Brown, que comparou a floresta amazônica a uma enorme biblioteca de biologia, com uma variedade de DNA sem equivalente em nenhum outro lugar do planeta. A seguir, passa a discutir as agressões ao ambiente da floresta.

Em relação às queimadas e à conseqüente perda de material genético, o autor as aproxima da catástrofe ocorrida há quase dois mil anos – mais precisamente no ano 48 a.C. – no incêndio da Biblioteca de Alexandria, um dos maiores desastres culturais registrados na história da humanidade.



Para ele, o grande futuro do Brasil pode estar de fato na Amazônia. Não há outro lugar, em nosso País, tão propício quanto esse para experiências avançadas em biotecnologia ou procedimentos de integração e reencontro do homem com a natureza. Essa é a região ideal para a realização do sonho ambientalista! Entretanto, o caminho para isso não é mais a estrada curta da utopia: aí se encontram fatores emergentes de ordem econômica e política, incluindo aspectos de um novo capitalismo jamais imaginado pelos visionários de ontem.

É imprescindível, portanto, segundo Marcovitch, promover no Brasil a valorização cada vez maior dos produtos e serviços provenientes da biodiversidade, que, aliás, constituem uma fonte consistente de dinamismo ecumênico e de coesão social. O autor considera que, por isso mesmo, está em evolução uma transição importantíssima: a passagem da economia da destruição da natureza para um sistema inteiramente baseado em seu reconhecimento, de modo a manter a floresta de pé.

Na realidade não se trata apenas de proteção, mas de descobrir novas formas de uso da floresta, capazes, simultaneamente, de assegurar a conservação de seus serviços ecossistêmicos e a geração de renda para os que, ainda hoje, têm sua existência, apesar de bastante precária, vinculada a práticas destrutivas da floresta.

Há, na Amazônia, por exemplo, um imenso potencial econômico e científico nas dez mil espécies vegetais de uso medicinal ou cosmético, entre as quais, mais de 300 de frutas silvestres, até aqui catalogadas. Marcovitch alerta o leitor para isso, quando apresenta o contraste entre as potenciais oportunidades de três óleos essenciais (extraídos da copaíba, do cumaru e do pau-rosa) que são hoje explorados comercialmente.

Com relação à madeira, basicamente quase toda exportada, o autor lembra que a indústria naval local e a construção civil, em cidades médias, poderiam ser beneficiadas com sua exploração. Porém, infelizmente - conclui - a indústria madeireira na Amazônia ainda está engatinhando. E, pior ainda, independente disso, muitos habitantes da região fazem parte da mão de obra informal ligada ao desmatamento.

Outro aspecto importante a considerar sobre as riquezas da região é sua contribuição para o ambiente, uma vez que a floresta amazônica estoca uma quantidade de carbono equivalente a dez anos de emissões globais de combustíveis

fósseis. Sem os chamados rios voadores (vapor de água transportado por massas de ar com um volume maior que a vazão do rio Amazonas), o regime de chuvas, em boa parte da América do Sul, estaria seriamente ameaçado.

O autor estima que a Amazônia seja a principal reserva de água doce do mundo, o que a torna fator decisivo para o futuro da humanidade. Hoje, o consumo geral de água potável no planeta chega a exceder em 25% a reposição proporcionada pelos rios e lençóis subterrâneos. Essa escassez de recursos hídricos já tem nível alarmante em vários países, constituindo fator potencial de guerras entre os mais necessitados. Ao mesmo tempo, fomenta o comércio internacional de água engarrafada, que movimentou, em 2010, cerca de US\$ 32 bilhões, assegura Marcovitch.

A Turquia, por sua vez, já desenvolve um comércio internacional de água, utilizando, para isso, uma frota de navios-tanque que abastece outros países, e o Canadá mantém contrato com o governo chinês, para o fornecimento de água pelos próximos 25 anos.

E nós, quando é que vamos exportar água para tantos países desérticos do mundo com toda essa abundância que existe na Amazônia? – pergunta Marcovitch. Para o autor, apesar de todas as possibilidades que a Amazônia nos proporciona, o Brasil não conseguirá transformá-las em negócios lucrativos para a região, se não se organizar para o novo capitalismo, que está fundamentado na ciência. Acredita, também, que apenas 5% dos nossos cientistas trabalhem na Amazônia, embora ela ocupe, geograficamente, mais da metade do território brasileiro. Cerca de 70% dos estudos internacionais a respeito do Grande Bioma não incluem pesquisadores em atividade no Brasil. Não mais que 10% das espécies existentes em sua biodiversidade foram catalogadas até agora.

Esses dados e a relevância estratégica do ambiente a ser pesquisado justificam um aporte diferenciado e urgente de recursos adicionais para as suas instituições de ensino superior (IESs) e os diversos centros de pesquisas ligados às IESs ou a órgãos governamentais. Além disso, o vínculo entre a produção científica e as demandas empresariais é ainda bem precário, não só na Amazônia, mas também no restante do País.

O resultado é um círculo vicioso em que uma estrutura econômica de matriz quase colonial acaba inviabilizando a presença da pesquisa brasileira em condições de reconhecer sistemas naturais tão promissores.

Outro aspecto importante abordado no livro é a participação social. Parte do conhecimento atual sobre a Amazônia - afirma o autor - vem de um conjunto de organizações não governamentais (ONGs), que aliam estudos de boa qualidade à valorização da participação social nascida nas políticas públicas, mas num empreendedorismo de pequenas dimensões que, contudo, poderá florescer com base em vínculos com grandes empresas.

Dessa maneira, o novo capitalismo terá de enfrentar o desafio não só de reduzir a pobreza e a desigualdade, mas também de manter vivas as tradições culturais dos povos da floresta, nas quais vivem aproximadamente 700 mil índios reunidos em 225 tribos, cada qual com sua língua.

É na Amazônia que estão praticamente 60% dos índios brasileiros, a maioria vivendo em reservas demarcadas, como reparação pelos abusos da colonização europeia e do próprio Estado brasileiro, a partir de 1822. Nossa população indígena, embora nos últimos anos tenha retomado o seu crescimento, como decorrência de melhores políticas públicas, oscila em volta de um décimo daquela que existia em 1500, época em que Cabral chegou ao Brasil. Todas as áreas ocupadas hoje pelos indígenas do Brasil, somadas, correspondem a 13% do território nacional.

Quem ler com atenção tudo o que foi exposto em *A Gestão da Amazônia*, concluirá que é possível alcançar a sustentabilidade econômica dessa região brasileira, tarefa, porém, indissociável do crescimento econômico e da correspondente evolução nos padrões de bem-estar coletivo. Dessa maneira, à ideia de uma região intocável pela mão do empreendedor, opõe-se agora o entendimento de que a devastação de sua grande floresta deve ser contida pela oferta de outros meios, ambientalmente adequados e mais rentáveis para o setor produtivo e as populações locais.

Sustentabilidade tem tudo a ver com a necessidade do presente, sem comprometer o bem-estar das gerações vindouras e seu conteúdo se comprova em bem-sucedidas iniciativas de ONGs ou empresas e políticas públicas exitosas. É por isso que se recomenda a leitura atenta do livro de Jacques Marcovitch, capaz de estimular estratégias que garantam a sustentabilidade não apenas da Amazônia, mas do Brasil e, em determinados aspectos, da própria humanidade.

Resenha:

Recebido em: 14/12/2011

Aceito em: 22/04/2011